

Discurso de posse da nova diretoria do Instituto do Ceará

MANUEL EDUARDO PINHEIRO CAMPOS^(*)

Minhas Senhores; meus Senhores;

Digo-lhes, a bem dizer, e o faço de coração, não a empenho de retórica, que, afinal, estou chegando à clareza, a tamanha clareza – cultura que aqui centelha e se irradia desse silogeu –, bem-aventurada luminosidade que me faz lembrado de passagem mítica da “Demanda do Santo Gral” (estrofe 599), a resplandecente cena que acolheu a seus valorosos cavaleiros – “comprido de fé e de crença”...

De igual modo, por essa tarde quase noite, meus generosos companheiros de Instituto, destemidos guardiães da cultura cearense, proporcionam, de forma inesperada, a um desmerecente parcial, a oportunidade venturosa de dar um passo à frente, situação que me torna conformado àquela imagem agradecida do perplexo e deslumbrado Galaaz, e qual esse, também cheio de tamanha clareza, tornado igualmente “comprido de fé e de crença”.

Sinto-me em aura de consagração. Não em grau que invalide a confissão de não me haver, com bastante merecimento, para caminhar sob a refulgência desse templo de saber e consciência histórica.

Nada mais vejo em mim quem em verdade sou, um trivial contador de histórias do cotidiano, de venturas e desventuras sem mistérios nem feitiços, ou se aquiescerem, não mais que o recenseador de mezinhas de inventiva popular, e, a mais restar, o

^(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

que em rigor me contenta mesmo, enternecido serrano parturido ao sopé da montanha, a Aratanha de Juvenal Galeno e fogos-fátuos, e a bem por isso, de olhos sempre voltados para cima, a desejo de chegar cada vez mais ao alto, para a claridade, como a que hoje me contempla nessa Casa, e a tanto a me fazer também “comprido de fé e de crença”.

Meu caro, austero, digno e nobre presidente Geraldo da Silva Nobre.

Por mais que me esforce em busca de exato elogio à sua personalidade, lastreada em irremovível dedicação ao Instituto do Ceará; ou ainda que me acudam os mais bem cunhados adjetivos para destacar-lhe a fiel e contínua dedicação, com que se houve, em favor do Instituto, a fazê-lo bastantemente próspero sob seu mando, - nada, nada mesmo, em prosa, contentar-me-á.

Minha sensibilidade, a que me induz louvar em versos, conquanto não os saiba tecer, elege, à falta de inspiração própria, louvação que subscrevo qual minha fosse, dirigida por D. João de Meneses, confiando gratidões a seu estimado Coudel-mor:

“Vós, Senhor, a quem não sabem
louvar vosso merecer,
vós, a quem por mais que gabem
das virtudes que em nós cabem,
as mais ficam por dizer...”

Minhas Senhoras; meus Senhores;

Disse-lhes, metaforicamente, da sensação de luz, da tão clara claridade que me sugere, aqui, o exercício de Cultura bem administrada e melhor pensada, a serviço do homem, e, por extensão, da sociedade.

Mas cumpre-me advertir: a cada ano, que passa, não nos é mais permitido ignorar o sentido utilitário, material, dos sentimentos de gerações pouco interessadas em cultivar o espírito. Artistas e escritores famosos, vejo a enorme desprazer, tornam-se infelizmente esquecidos, e como acabo de ler em revista especializada, “fora de moda”.

Nesse caso, em plano internacional, escritor do porte de Somerset Maugham, em outro patamar, a nos dizer respeito, dois narradores eruditos: o valoroso cronista cívico, Olavo Bilac, e estoutro, de cativantes histórias e confissões de salão: Humberto de Campos.

Por esses dias, jornais de nossa expressão geográfica vieram relatar, estupefatos. Monumentos artísticos, em praça pública, contaminavam-se de desprezo, pichados, manchados de vermelho e preto, vítimas da caligrafia funesta dos grafiteiros.

Doloroso, sem dúvida, mas não, a meu ver, o mais lamentável.

Em verdade, digo-lhes, de todos os pichamentos, o que mais dói, o esquecimento.

Ao longo dos últimos decênios temos deixado de conviver, ou a menor exagero, lembrado menos os exemplares ícones da nossa mais cara e rumorosa tradição cultural.

Gustavo Barroso, o mais telúrico e fulgurante escritor cearense depois de José de Alencar, a meu ver, o mais arrebatador autor, em prosa, da literatura sociológica do Ceará, raramente é festejado.

A obra prima que escreveu, *Terra de Sol*, a se dever permanentemente afeiçoada pelas nossas considerações, é tão raro editada, tão pouco lida, que a se encaminhar cem anos da primeira publicação, não atinge, pasmem, ao menos dez edições!

Outro exemplo; em processo de esquecimento o mais irrepreensível dos historiadores, o sábio “comprido de fé e de crença”, fundador da historiografia do Ceará, o respeitável e nobre Guilherme Studart, augusto patrono do Instituto, cujo brasão, mais imponente não conheço, desenhado com plumas de ouro, nas quais se engasta a mais legítima legenda de amor à verdade histórica.

Menciono ainda sobre constrangimento. Os que se vão de nosso convívio, chamados à academia da eternidade, a cada ano que passa, parecem situados mais distantes de nós. Desse modo personalidades quais as de Pompeu Sobrinho e Raimundo Girão, para referir apenas dois valorosos obreiros da pesquisa histórica, que se erigiram grandes pensando antes na grandeza cultural do Ceará.

Vem hora de fazê-los mais próximos de nossa estima e real convívio.

Minhas Senhoras; meus Senhores;

Sob o tão honroso testemunho, com que me recepcionam, animam-me pontos prioritários para o exercício da Presidência, desafio que me aguarda certamente para ser enfrentado com a colaboração direta e indispensável de meus diligentes e probos parceiros de Diretoria.

E aqui, cabe-me referir: diferente do exímio tocador de guitarra, amigo do poeta Federico Garcia Lorca, que enfrentava dias de desânimo, atribuídos à circunstância de, nessas horas, não estar tomado de duendes, duendes eu os tenho ainda, sempre, na juventude dos meus oitenta anos.

A Deus querer, logo estaremos a anunciar a inauguração de convidativo "site" do Instituto do Ceará, na Internet, para que o mundo, e não apenas o Brasil, possa testemunhar e avaliar, a extraordinária capacidade intelectual dos que laboram nesta casa.

Segundo; sem demora, iniciaremos a efetiva formatação de nossa biblioteca virtual de autores do Instituto do Ceará, coleção de obras que espero enriquecida progressivamente com expressivos estudos e pesquisas.

E, em passo que me sabe mais ousado, e igualmente nessa circunstância a toda certeza tocando de magia e duendes, o ambicioso lançamento de especialíssimo CD-Rom a reunir as 100 primeiras reproduções digitalizadas da *Revista do Instituto do Ceará*, uma das dez mais importantes publicações editadas no país, obra monumental que, dessa forma, perseverará disponível para o amplo universo de leitores constituído de intelectuais, escritores, estudiosos, pesquisadores e professores.

Minhas Senhoras; meus Senhores;

Em Mênfis, escrito à entrada da biblioteca pública, bem à vista de quem acudia à sabedoria dos livros: "Remédios da alma".

Esses, por diante e através dos séculos, no mundo inteiro, tornaram-se cada vez mais abundantes.

Já em 1984, na Biblioteca Lenin, estavam classificados mais de 33 milhões de volumes.

De entristecer-nos, porém, o que lhes revelo agora. Os “remédios da alma”, em Fortaleza, não passam de “meizinhas”.

Em 1868, a Biblioteca Menezes Pimentel, conforme relatório firmado pelo Dr. Pedro Leão Veloso, contava 5.720 livros. Admitida a estocagem atual de 90.000 cópias, - estimativa seguramente otimista - o crescimento da principal biblioteca a serviço da coletividade (não consideradas as bibliotecas universitárias), tem-se arrastado em ínfima velocidade de apenas 681 livros/ano.

A média mensal de admissão de novas obras, em bibliotecas como a da Universidade Washington and Lee (Virginia, USA), vinte anos atrás, atingia a marca de 10.000 livros.

Diante desses confrontos, que desalentam, sinto-me convocado à reação que não espero adiada. Assumamos, portanto, quanto antes, a execução de outro projeto, o de valorização do livro e do leitor, a contemplar inicialmente o interesse pela nossa própria biblioteca, a do Instituto, sem esquecer de diligenciar em favor da do Estado, já referida, e da do município, e das de quantas, e muitas sejam, que precisam urgentemente de atenções. E fazer ver aos ilustres legisladores do Estado, que a nossa Constituição de 1989 é monstruosamente desafeiçoada a incentivos à Cultura, e, infinitamente inferior, às Cartas Magnas, anteriores, de 1960 e 1970.

Nesse tocante, porfiaremos em convênios com as bibliotecas de instituições congêneres, estreitando principalmente nossas relações de intercâmbio com a Academia Cearense de Letras, tornando *on line* as consultas das duas livrarias.

O aproveitamento de todo o potencial bibliográfico disponível no Estado, deverá animar não apenas o nosso interesse, mas, em abrangência, o de todas as entidades públicas e privadas em que estacionem bibliotecas.

Nessa atuação a participação, a necessidade de efetivarmos parcerias com as bibliotecas de Fortaleza, dentre outras a do BNB, do DNOCS, não esquecida a do IBEU e quantas, quais as universitárias, que exibem indiscutivelmente o maior acervo bibliográfico do Estado.

Agora, vem hora de perguntar: - onde ficará a nossa experiência, o passado desta Casa? Onde, de forma exemplar, circuns-

critos os estudiosos de História? Onde demorará a nossa enaltecida disponibilidade de bem estudar e melhor informar?

Acudo em esclarecer. Em tudo que aqui se propõe, e oferecida ao alcance de imenso contingente de interessados pela Cultura, pelo amor à pesquisa, à História, que está surgindo da cópia considerável de universidades instaladas em Fortaleza, e das quantas mais, por esses momentos, vão se inaugurando pelos sertões, levando, a todos os recantos de nossa expressão geográfica, conhecimento, humanismo e técnica, circunstância que nos acena com inesperados dias de considerável aplicação cultural.

Nessa atmosfera que se está criando, de forma promissora, efetivaremos nossa convivência, elastecendo a extensão de conhecimentos ao lado dos valorosos parceiros que se inauguram. E, a tanto, a promover exposições, a mostrar ao povo as preciosidades de nossa arca de bens maravilhosos. E mais e mais, não parando aí, indo a auditórios, a encontros culturais, às salas de aula, locais de exposições, a promover debates, com a firme disposição de compartilhar o que aprendemos, e, a tanto, a transferir, ensinando, a riqueza maior que nos anima, o amor às tradições.

Em todas essas horas, que serão muitas, nada mais estaremos a pretender que a valorização do livro, e a tanto a democratizar, universalizando, o seu uso. Sem essa providência, estejamos certos, a cultura continuará propriedade de poucos, enquanto a maioria ver-se-á indigente, tomada pela terrível influência dos meios de comunicação.

Sob a mesma bandeira, promoveremos um simpósio com os presidentes e responsáveis de todas as entidades culturais do Estado, com as quais, como imagino, desejável repartir inquietação e também decisões, e, desse modo, as mãos dadas, haveremos de encontrar as soluções que ao menos amenizem a lastimável situação em que vegeta, por exemplo, o acervo bibliográfico do Ceará.

O livro, espero que me entendam, não será para nós simples objeto posto em prateleira, a mercê de fungos, traça e cupim, mas criatura gestionada com tinta e papel, estuante de sensibilidade, paixão e sabedoria.

Livro, digo melhor, ente-livro, permanentemente carente de quem o solicite às estantes, a tornar realidade o sonho de toda biblioteca, o de ver alentado cada vez mais o número de seus consulentes.

O livro escrito vale menos, podem crer, que o novo leitor conquistado para a paixão da leitura.

O livro, como vêem, com significado bastante amplo de propósitos de inteligência, fundamenta prioritariamente a linha de minha prometida atuação nesta Casa, admitida a obra impressa ou virtual como resultado de pesquisas, de estudos, que não só nos cabe empreender como igualmente fazê-la chegar às mãos de quem precisa e deve estar informado.

Tudo isso, em urgente metáfora, para tornar mais luminosa a vontade de aprender de nosso povo.

Sob essa intenção, desenhei a engenharia de meu discurso, apostando em ver, em futuro próximo, o Ceará mais cioso e envaidecido de seus recursos bibliográficos.

Corajoso e disposto, ainda que me julgue apenas tênue luz de um dia que nasce, vago prenúncio de claridade, quando, em verdade confesso, adoraria com ser sol de meio-dia, opulenta luz, para tornar mais luminoso o que já mais claro está nesta Casa.

Longe vou, hora de perceber.

Também hora de lembrar a Affonso Domingues, o arquiteto desafiado por D. João I a construir outra vez a monumental abóbada da casa capitular do mosteiro da Batalha.

Submetendo-se à audaciosa proposta, fazia-o, como aludiu ao monarca, diante da valia de duas formosíssimas “palavras de anjos: pátria e glória”, contou Alexandre.

Minhas Senhoras, meus Senhores; meus bravos parciais do Instituto do Ceará; formosíssima glória, mais que palavra, é o arrebatador sentimento de alegria e contentamento que acaba de me envolver nesta tarde que, para mim, jamais será noite.

(Sessão realizada em 11.04.2003)